

Sindicalismo Revolucionário

A ameaça moderna ao capitalismo

Emma Goldman

1913

Tendo em vista o fato de que as ideias incorporadas no Sindicalismo Revolucionário têm sido praticadas pelos trabalhadores no último meio século, mesmo que sem o pano de fundo da consciência social; que neste país cinco homens tiveram que pagar com suas vidas porque defendiam os métodos do sindicalismo revolucionário como os mais eficazes na luta do trabalho contra o capital; e que, além disso, o sindicalismo revolucionário tem sido praticado conscientemente pelos trabalhadores da França, Itália e Espanha desde 1895, é bastante divertido ver algumas pessoas na América e na Inglaterra agora se lançando sobre o sindicalismo revolucionário como uma proposta perfeitamente nova e nunca antes ouvida.

É surpreendente como os americanos são ingênuos, rudes e imaturos em questões de importância internacional. Apesar de toda a sua alardeada aptidão prática, o americano médio é o último a conhecer os meios e as táticas modernas empregadas nas grandes lutas de sua época. Ele sempre fica para trás em ideias e métodos que os trabalhadores europeus vêm aplicando com grande sucesso há anos.

Pode-se argumentar, é claro, que isso é apenas um sinal de juventude por parte do americano. E, de fato, é muito bom ter uma mente jovem, fresca para receber e perceber. Mas, infelizmente, a mente americana parece nunca crescer, amadurecer e cristalizar seus pontos de vista.

Talvez seja por isso que um revolucionário americano pode, ao mesmo tempo, ser um político. Essa também é a razão pela qual os líderes da Industrial Workers of the World continuam no Partido Socialista, que é antagônico aos princípios e às atividades da I.W.W. Também é por isso que um marxista rígido pode propor que os anarquistas trabalhem em conjunto com a ala que começou sua carreira com a perseguição mais amarga e maliciosa de um dos pioneiros do anarquismo, Mikhail Bakunin. Em resumo, para a mente indefinida e incerta do radical americano, as ideias e os métodos mais contraditórios são possíveis. O resultado é um triste caos no movimento radical, uma espécie de haxixe intelectual, que não tem gosto nem caráter.

Atualmente, o Sindicalismo Revolucionário é o passatempo de muitos americanos, os chamados intelectuais. Não que eles saibam algo sobre o assunto, exceto que algumas grandes autoridades - Sorel, Lagardelle, Berth e outros - o defendem: porque o americano precisa do selo da autoridade, ou ele não aceitaria uma ideia, não importa quão verdadeira e valiosa ela seja.

Nossas revistas burguesas estão cheias de dissertações sobre o Sindicalismo Revolucionário. Uma de nossas faculdades mais conservadoras chegou ao ponto de publicar um trabalho de um de seus alunos sobre o assunto, que tem a aprovação de um professor. E tudo isso, não porque o Sindicalismo Revolucionário seja uma força e esteja sendo praticado com sucesso pelos trabalhadores da Europa, mas porque - como eu disse antes - ele tem a sanção oficial de autoridades.

Como se o Sindicalismo Revolucionário tivesse sido descoberto pela filosofia de Bergson ou pelos discursos teóricos de Sorel e Berth, e não tivesse existido e vivido entre os trabalhadores muito antes de esses homens escreverem sobre ele. A característica que distingue o Sindicalismo Revolucionário da maioria das filosofias é que ele representa a filosofia revolucionária do trabalho, concebida e nascida na luta e na experiência real dos próprios trabalhadores - não em universidades, faculdades, bibliotecas ou no cérebro de alguns cientistas. *A filosofia revolucionária do trabalho*, esse é o significado verdadeiro e vital do Sindicalismo *Revolucionário*.

Já em 1848, uma grande parte dos trabalhadores percebeu a total futilidade da atividade política como meio de ajudá-los em sua luta econômica. Naquela época, já se exigia a adoção de medidas econômicas diretas, em vez do desperdício inútil de energia em linhas políticas. Esse foi o caso não apenas na França, mas até mesmo antes disso na Inglaterra, onde Robert Owen, o verdadeiro socialista revolucionário, propagou ideias semelhantes.

Após anos de agitação e experimentos, a ideia foi incorporada pela primeira convenção da *Internationale*, em 1867, na resolução de que a emancipação econômica dos trabalhadores deve ser o principal objetivo de todos os revolucionários, ao qual tudo o mais deve ser subordinado.

De fato, foi essa posição radical determinada que acabou provocando a cisão no movimento revolucionário daquela época e sua divisão em duas facções: uma, sob Marx e Engels, visando à conquista política; a outra, sob Bakunin e os trabalhadores latinos, avançando ao longo das linhas industriais e

do Sindicalista Revolucionário. O desenvolvimento posterior dessas duas alas é familiar a todo homem e mulher pensantes: uma se centralizou gradualmente em uma enorme máquina, com o único propósito de conquistar o poder político dentro do Estado capitalista existente; a outra está se tornando um fator revolucionário cada vez mais vital, temido pelo inimigo como a maior ameaça ao seu domínio.

Foi no ano de 1900, quando eu era delegado do Congresso Anarquista em Paris, que tive o primeiro contato com o Sindicalismo Revolucionário em funcionamento. A imprensa anarquista já vinha discutindo o assunto há anos; portanto, nós, anarquistas, sabíamos algo sobre o Sindicalismo Revolucionário. Mas aqueles de nós que viviam nos Estados Unidos tinham que se contentar com o lado teórico do assunto.

Em 1900, no entanto, vi seu efeito sobre o trabalho na França: a força, o entusiasmo e a esperança com que o Sindicalismo Revolucionário inspirou os trabalhadores. Também tive a sorte de conhecer o homem que, mais do que qualquer outro, havia direcionado o Sindicalismo Revolucionário para canais de trabalho definidos, Fernand Pelloutier. Infelizmente, não pude conhecer esse jovem notável, pois na época ele já estava muito doente, com câncer. Mas onde quer que eu fosse, com quem quer que eu falasse, o amor e a devoção por Pelloutier eram maravilhosos, todos concordando que foi ele quem reuniu as forças descontentes do movimento trabalhista francês e as imbuíu de uma nova vida e de um novo propósito, o Sindicalismo Revolucionário.

Ao retornar aos Estados Unidos, comecei imediatamente a propagar as ideias do Sindicalista Revolucionário, especialmente a Ação Direta e a Greve Geral. Mas era como falar para as Montanhas Rochosas - não havia compreensão, mesmo entre os elementos mais radicais, e havia total indiferença nas fileiras trabalhistas.

Em 1907, fui como delegado ao Congresso Anarquista em Amsterdã e, enquanto estava em Paris, conheci os Sindicalistas Revolucionários mais ativos da *Confédération Générale an Travail*: Pouget, Delesalle, Monatte e muitos outros. Mais do que isso, tive a oportunidade de ver o Sindicalismo Revolucionário em operação diária, em suas formas mais construtivas e inspiradoras.

Faço essa alusão para indicar que meu conhecimento do Sindicalismo Revolucionário não vem de Sorel, Lagardelle ou Berth, mas do contato real e da observação do tremendo trabalho realizado pelos trabalhadores de Paris dentro das fileiras da *Confédération*. Seria necessário um volume para explicar em detalhes o que o Sindicalismo Revolucionário está fazendo pelos trabalhadores franceses. Na imprensa americana, lemos apenas sobre seus métodos de resistência, sobre greves e sabotagem, sobre os conflitos do trabalho com o capital. Esses são, sem dúvida, assuntos muito importantes, mas o principal valor do Sindicalismo Revolucionário é muito mais profundo. Ele está no efeito construtivo e educacional sobre a vida e o pensamento das massas.

A diferença fundamental entre o Sindicalismo e os antigos métodos das associações de trabalhadores é a seguinte: enquanto as antigas associações de trabalhadores, sem exceção, se movem dentro do sistema de salários e do capitalismo, reconhecendo este último como inevitável, o Sindicalismo repudia e condena os atuais arranjos industriais como injustos e criminosos, e não oferece ao trabalhador nenhuma esperança de resultados duradouros desse sistema.

É claro que o Sindicalismo, como os antigos uniões trabalhistas, luta por ganhos imediatos, mas não é estúpido o suficiente para fingir que os trabalhadores podem esperar condições humanas de arranjos econômicos desumanos na sociedade. Assim, ele apenas arranca do inimigo o que pode forçá-lo a ceder; no geral, no entanto, o Sindicalismo Revolucionário tem como objetivo e concentra suas energias na completa derrubada do sistema salarial. De fato, o sindicalismo vai além: ele visa libertar o trabalho de toda instituição que não tenha como objetivo o livre desenvolvimento da produção para o benefício de toda a humanidade. Em suma, o objetivo final do Sindicalismo Revolucionário é reconstruir a sociedade de seu atual estado centralizado, autoritário e brutal para uma sociedade baseada no agrupamento livre e federado dos trabalhadores ao longo de linhas de liberdade econômica e social.

Com esse objetivo em vista, o sindicalismo trabalha em duas direções: primeiro, minando as instituições existentes; segundo, desenvolvendo e educando os trabalhadores e cultivando seu espírito de solidariedade, a fim de prepará-los para uma vida plena e livre, quando o capitalismo tiver sido abolido.

O Sindicalismo Revolucionário é, em essência, a expressão econômica do Anarquismo. Essa circunstância explica a presença de tantos anarquistas no movimento Sindicalista Revolucionário. Assim como o Anarquismo, o Sindicalismo Revolucionário prepara os trabalhadores ao longo de linhas econômicas diretas, como fatores conscientes nas grandes lutas de hoje, bem como fatores conscientes na tarefa de reconstruir a sociedade ao longo de linhas industriais autônomas, contra o espírito paralisante da centralização, com sua máquina burocrática de corrupção, inerente a todos os partidos políticos.

Percebendo que os interesses diametralmente opostos do capital e do trabalho nunca poderão ser reconciliados, o Sindicalismo Revolucionário precisa repudiar os velhos métodos rústicos e desgastados do sindicalismo e declarar uma guerra aberta contra o regime capitalista, bem como contra todas as instituições que hoje apóiam e protegem o capitalismo.

Como uma sequência lógica, o Sindicalismo Revolucionário, em sua guerra diária contra o capitalismo, rejeita o sistema de contrato, porque não considera o trabalho e o capital iguais e, portanto, não pode consentir em um acordo que um tem o poder de quebrar, enquanto o outro deve se submeter sem reparação.

Por razões semelhantes, o sindicalismo rejeita negociações em disputas trabalhistas, porque tal procedimento serve apenas para dar ao inimigo tempo para preparar sua parte da luta, derrotando assim o próprio objetivo que os trabalhadores se propuseram a alcançar. Além disso, o sindicalismo defende a espontaneidade, tanto como preservadora da força de luta dos trabalhadores quanto porque pega o inimigo desprevenido e, portanto, o obriga a um acordo rápido ou lhe causa grandes perdas.

O Sindicalismo Revolucionário se opõe a uma grande tesouraria sindical, porque o dinheiro é um elemento tão corruptor nas fileiras do trabalho quanto nas do capitalismo. Nós, nos Estados Unidos, sabemos que isso é verdade. Se o movimento trabalhista deste país não fosse apoiado por fundos tão grandes, ele não seria tão conservador como é, nem seus líderes seriam tão facilmente corrompidos. No entanto, a principal razão para a oposição do Sindicalismo Revolucionário a grandes tesourarias consiste no fato de que elas criam distinções de classe e ciúmes dentro das fileiras do trabalho, tão prejudiciais ao espírito de solidariedade. O trabalhador cuja organização tem uma grande bolsa se considera superior ao seu irmão mais pobre, assim como se considera melhor do que o homem que ganha cinquenta centavos a menos por dia.

O principal valor ético do Sindicalismo Revolucionário consiste na ênfase que ele dá à necessidade de o trabalho se livrar do elemento de dissensão, parasitismo e corrupção em suas fileiras. Ele procura cultivar a devoção, a solidariedade e o entusiasmo, que são muito mais essenciais e vitais na luta econômica do que o dinheiro.

Como já afirmei, o Sindicalismo Revolucionário cresceu a partir da decepção dos trabalhadores com a política e os métodos parlamentares. No decorrer de seu desenvolvimento, o Sindicalismo Revolucionário aprendeu a ver no Estado - com seu porta-voz, o sistema representativo - um dos mais fortes suportes do capitalismo; assim como aprendeu que o exército e a igreja são os principais pilares do Estado. É por isso que o Sindicalismo Revolucionário deu as costas ao parlamentarismo e às máquinas políticas e se voltou para a arena econômica, onde somente o gladiador trabalhista pode enfrentar seu inimigo com sucesso.

A experiência histórica sustenta os sindicalistas em sua oposição intransigente ao parlamentarismo. Muitos entraram na vida política e, não querendo ser corrompidos pela atmosfera, retiraram-se do cargo para se dedicar à luta econômica - Proudhon, o revolucionário holandês Nieuwenhuis, John Most e muitos outros. Enquanto aqueles que permaneceram no atoleiro parlamentar acabaram traindo sua confiança, sem ter ganho nada para o trabalho. Mas não é necessário discutir aqui a história política. Basta dizer que os Sindicalistas Revolucionários são antiparlamentaristas como resultado de uma amarga experiência.

Da mesma forma, a experiência determinou sua atitude antimilitarista. O exército tem sido usado repetidamente para abater grevistas e inculcar a ideia doentia de patriotismo, com o objetivo de dividir os trabalhadores contra eles mesmos e ajudar os patrões a obter os espólios. As incursões que a agitação do Sindicalista Revolucionário fez na superstição do patriotismo são evidentes pelo temor da classe

dominante pela lealdade do exército e pela rígida perseguição aos antimilitaristas. Naturalmente, pois a classe dominante percebe muito melhor do que os trabalhadores que, quando os soldados se recusarem a obedecer a seus superiores, todo o sistema do capitalismo estará condenado.

De fato, por que os trabalhadores deveriam sacrificar seus filhos para que eles possam ser usados para atirar em seus próprios pais? Portanto, o Sindicalismo Revolucionário não é meramente lógico em sua agitação antimilitar; ele é muito prático e de longo alcance, na medida em que rouba do inimigo sua arma mais forte contra o trabalho.

Agora, quanto aos métodos empregados pelo Sindicalismo Revolucionário - Ação Direta, Sabotagem e Greve Geral.

AÇÃO DIRETA. - *Esforço consciente, individual ou coletivo, para protestar ou remediar as condições sociais por meio da afirmação sistemática do poder econômico dos trabalhadores.*

A sabotagem tem sido considerada criminoso, mesmo pelos chamados socialistas revolucionários. É claro que, se você acredita que a propriedade, que exclui o produtor de seu uso, é justificável, então a sabotagem é de fato um crime. Mas, a menos que um socialista continue sob a influência de nossa moralidade burguesa - uma moralidade que permite que poucos monopolizem a terra às custas de muitos - ele não pode sustentar consistentemente que a propriedade capitalista é inviolável. A sabotagem prejudica essa forma de posse privada. Portanto, ela pode ser considerada criminoso? Pelo contrário, é ética no melhor sentido, pois ajuda a sociedade a se livrar de seu pior inimigo, o fator mais prejudicial da vida social.

A sabotagem tem como principal objetivo obstruir, por todos os métodos possíveis, o processo regular de produção, demonstrando assim a determinação dos trabalhadores de dar de acordo com o que recebem, e nada mais. Por exemplo, na época da greve ferroviária francesa de 1910, os produtos perecíveis eram enviados em trens lentos ou em uma direção oposta à pretendida. Quem, a não ser o filisteu mais comum, consideraria isso um crime? Se os próprios ferroviários passam fome e o público “inocente” não tem um sentimento de solidariedade suficiente para insistir que esses homens recebam o suficiente para viver, o público perdeu a simpatia dos grevistas e deve arcar com as consequências.

Outra forma de sabotagem consistiu, durante essa greve, em colocar caixas pesadas em mercadorias marcadas como “Manuseie com cuidado”, vidro cortado, porcelana e vinhos preciosos. Do ponto de vista da lei, isso pode ter sido um crime, mas do ponto de vista da humanidade comum, foi uma atitude muito sensata. O mesmo se aplica ao desarranjo de um tear em uma tecelagem, ou ao cumprimento da lei com toda a sua burocracia, como fizeram os ferroviários italianos, causando assim confusão no serviço ferroviário. Em outras palavras, a sabotagem é apenas uma arma de defesa na guerra industrial, que é mais eficaz porque atinge o capitalismo em seu ponto mais vital: o bolso.

Com a Greve Geral, o Sindicalismo Revolucionário quer dizer uma paralisação do trabalho, a cessação do trabalho. Essa greve também não precisa ser adiada até que todos os trabalhadores de um determinado lugar ou país estejam prontos para ela. Como foi apontado por Pelloutier, Pouget, bem como por outros, e particularmente pelos recentes acontecimentos na Inglaterra, a Greve Geral pode ser iniciada por um setor e exercer uma força tremenda. É como se um homem, de repente, gritasse “Parem o ladrão!”. Imediatamente, outros o seguirão, até que o ar soe com ele. A Greve Geral, iniciada por uma organização determinada, por um setor ou por uma minoria pequena e consciente entre os trabalhadores, é o grito industrial de “Pare o ladrão”, que logo é adotado por muitos outros setores, espalhando-se como um incêndio em um curto espaço de tempo.

Uma das objeções dos políticos à greve geral é que os trabalhadores também sofreriam com as necessidades da vida. Em primeiro lugar, os trabalhadores são mestres em passar fome; em segundo lugar, é certo que uma Greve Geral é mais segura de ser resolvida rapidamente do que uma greve comum. Veja as greves dos transportes e dos mineiros na Inglaterra: com que rapidez os senhores do Estado e do capital foram forçados a fazer as pazes! Além disso, o Sindicalismo Revolucionário reconhece o direito dos produtores às coisas que eles criaram, ou seja, o direito dos trabalhadores de se ajudarem se a greve não for resolvida rapidamente.

Quando Sorel afirma que a Greve Geral é uma inspiração necessária para que o povo dê sentido à sua vida, ele está expressando um pensamento que os anarquistas nunca se cansaram de enfatizar. No entanto, não concordo com Sorel quando diz que a Greve Geral é um “mito social” que pode nunca ser realizado. Acho que a Greve Geral se tornará um fato no momento em que os trabalhadores compreenderem seu valor total - seu valor destrutivo e construtivo, como de fato muitos trabalhadores em todo o mundo estão começando a perceber.

Algumas pessoas podem considerar essas ideias e métodos do Sindicalismo Revolucionário totalmente negativos, embora estejam longe disso em seus efeitos sobre a sociedade atual. Mas o Sindicalismo Revolucionário também tem um aspecto diretamente positivo. Na verdade, muito mais tempo e esforço estão sendo dedicados a essa fase do que às outras. Várias formas de atividade do Sindicalista Revolucionário têm o objetivo de preparar os trabalhadores, mesmo nas atuais condições sociais e industriais, para a vida em uma sociedade nova e melhor. Para esse fim, as massas são treinadas no espírito de ajuda mútua e fraternidade, sua iniciativa e autoconfiança são desenvolvidas e um *esprit de corps* é mantido, cuja própria alma é a solidariedade de propósito e a comunidade de interesses do proletariado internacional.

Entre essas atividades, as principais são as *mutualités*, ou sociedades de ajuda mútua, estabelecidas pelos Sindicalistas Revolucionários franceses. Seu objetivo é, acima de tudo, garantir trabalho para os membros desempregados e promover o espírito de assistência mútua que se baseia na consciência da identidade de interesses do trabalho em todo o mundo.

Em seu “The Labor Movement in France”, o Sr. L. Levine afirma que, durante o ano de 1902, mais de 74.000 trabalhadores, de um total de 99.000 candidatos, conseguiram trabalho por meio dessas sociedades, sem serem obrigados a se submeter à extorsão dos tubarões das agências de emprego.

Esses últimos são uma fonte da mais profunda degradação, bem como da mais descarada exploração do trabalhador. Isso se aplica especialmente aos Estados Unidos, onde as agências de emprego são, em muitos casos, também agências de detetives disfarçadas, fornecendo trabalhadores que precisam de emprego para regiões em greve, sob falsas promessas de emprego estável e remunerado.

A *Confederação* Francesa já havia percebido há muito tempo o papel perverso das agências de emprego como sanguessugas do trabalhador sem emprego e berçários de escabrosos. Com a ameaça de uma greve geral, os Sindicalistas Revolucionários franceses forçaram o governo a abolir os tubarões das agências de emprego, e as *mutualidades* dos próprios trabalhadores as substituíram quase que inteiramente, para grande vantagem econômica e moral do trabalho.

Além das *mutualidades*, os Sindicalistas Revolucionários franceses estabeleceram outras atividades que tendem a unir os trabalhadores em laços mais estreitos de solidariedade e ajuda mútua. Entre elas estão os esforços para ajudar os trabalhadores que estão viajando de um lugar para outro. O valor prático e ético dessa assistência é inestimável. Ela serve para instilar o espírito de companheirismo e dá uma sensação de segurança no sentimento de unidade com a grande família do trabalho. Esse é um dos efeitos vitais do espírito Sindicalista Revolucionário na França e em outros países latinos. Há uma enorme necessidade de esforços como esse neste país! Alguém pode duvidar da importância da consciência dos trabalhadores que vêm de Chicago, por exemplo, para Nova York, com a certeza de que encontrarão entre seus camaradas hospedagem e alimentação até conseguirem um emprego? Essa forma de atividade é totalmente estranha aos órgãos trabalhistas deste país e, como resultado, o trabalhador itinerante em busca de um emprego - o “blanket stiff” - está constantemente à mercê do policial, vítima das leis de vagabundagem, e o infeliz material de onde é recrutado, por estresse da necessidade, o exército da sarna.

Testemunhei repetidamente, enquanto estava na sede da *Confédération*, os casos de trabalhadores que vieram com suas carteiras de sindicato de várias partes da França e até mesmo de outros países da Europa, e receberam refeições e alojamento, foram encorajados por todas as evidências de espírito fraternal e se sentiram em casa por seus colegas trabalhadores da *Confédération*. É devido, em grande parte, a essas atividades dos Revolucionários que o governo francês é forçado a empregar o exército para combater as greves, porque poucos trabalhadores estão dispostos a se prestar a esse serviço, graças aos esforços e às táticas do Sindicalismo.

Não menos importante do que as atividades de ajuda mútua dos Sindicalistas Revolucionários é a cooperação estabelecida por eles entre a cidade e o campo, o trabalhador da fábrica e o camponês ou fazendeiro, este último fornecendo aos trabalhadores suprimentos alimentares durante as greves ou cuidando dos filhos dos grevistas. Essa forma de solidariedade prática foi experimentada pela primeira vez neste país durante a greve de Lawrence, com resultados inspiradores.

E todas essas atividades do Sindicalista Revolucionário são permeadas pelo espírito do trabalho educacional, realizado sistematicamente por meio de aulas noturnas sobre todos os assuntos vitais tratados de um ponto de vista imparcial e libertário - não o “conhecimento” adulterado com o qual as mentes são entulhadas em nossas escolas públicas. O escopo da educação é realmente fenomenal, incluindo higiene sexual, cuidados com as mulheres durante a gravidez e o confinamento, cuidados com o lar e com as crianças, saneamento e higiene geral; na verdade, todos os ramos do conhecimento humano - ciência, história, arte - recebem atenção completa, juntamente com a aplicação prática nas bibliotecas, dispensários, concertos e festivais estabelecidos para os trabalhadores, dos quais os maiores artistas e literatos de Paris consideram uma honra participar.

Um dos esforços mais vitais do Sindicalismo Revolucionário é preparar os trabalhadores, *agora*, para seu papel em uma sociedade livre. Assim, as organizações do Sindicalismo Revolucionário fornecem a seus membros livros didáticos sobre cada comércio e indústria, de um caráter calculado para tornar o trabalhador um adepto em sua linha escolhida, um mestre de seu ofício, com o propósito de familiarizá-lo com todos os ramos de sua indústria, de modo que, quando o trabalho finalmente assumir a produção e a distribuição, as pessoas estarão totalmente preparadas para administrar com sucesso seus próprios assuntos.

Uma demonstração da eficácia dessa campanha educacional do Sindicalismo Revolucionário é dada pelos ferroviários da Itália, cujo domínio de todos os detalhes do transporte é tão grande que eles poderiam oferecer ao governo italiano assumir o controle das ferrovias do país e garantir sua operação com mais economia e menos acidentes do que o governo faz atualmente.

Sua capacidade de manter a produção foi comprovada de forma impressionante pelos Sindicalistas Revolucionários, em conexão com a greve dos sopradores de vidro na Itália. Lá, os grevistas, em vez de permanecerem ociosos durante o andamento da greve, decidiram eles mesmos continuar a produção de vidro. O maravilhoso espírito de solidariedade resultante da propaganda do Sindicalista Revolucionário permitiu que eles construíssem uma fábrica de vidro em um tempo incrivelmente curto. Um prédio antigo, alugado para esse fim e que normalmente levaria meses para ser colocado em condições adequadas, foi transformado em uma fábrica de vidro em poucas semanas, graças aos esforços solidários dos grevistas, auxiliados por seus companheiros que trabalhavam com eles após o expediente. Em seguida, os grevistas começaram a operar a fábrica de vidro soprado, e seu plano cooperativo de trabalho e distribuição durante a greve se mostrou tão satisfatório em todos os sentidos que a fábrica experimental se tornou permanente e uma parte da indústria de vidro soprado na Itália está agora nas mãos da organização cooperativa dos trabalhadores.

Esse método de educação aplicada não apenas treina o trabalhador em sua luta diária, mas também serve para equipá-lo para a batalha real e para o futuro, quando ele deverá assumir seu lugar na sociedade como um ser inteligente, consciente e produtor útil, uma vez que o capitalismo seja abolido.

Quase todos os principais Sindicalistas Revolucionários concordam com os Anarquistas que uma sociedade livre só pode existir por meio de associação voluntária e que seu sucesso final dependerá do desenvolvimento intelectual e moral dos trabalhadores que substituirão o sistema de salários por um novo arranjo social, baseado na solidariedade e no bem-estar econômico para todos. Esse é o Sindicalismo Revolucionário, na teoria e na prática.

Arquivo Lucy Parsons
Repositório de literatura sindicalista revolucionária



Emma Goldman
Sindicalismo Revolucionário
A ameaça moderna ao capitalismo
1913

Arquivo Lucy Parsons
Tradução do original por Lúcio Alves para o Arquivo Lucy Parsons, 18/03/2025. Original publicado inicialmente em "Syndicalism: Its Theory and Practice" em duas partes na *Mother Earth*, janeiro e fevereiro de 1913; Revisado como um panfleto e republicado pela Mother Earth Publishing Association em 1913. Versão em inglês em http://dwardmac.pitzer.edu/anarchist_archives/goldman/syndicalism.html. O termo "syndicalism" foi traduzido como "sindicalismo revolucionário" e o termo "trade-union/trade-unionism" como associações de trabalhadores/associativismo.

biblioteca.arquivolucyparsons.org